Uma escrita refletindo formação, acontecimento e viagem

Ronaldo Luis Goulart Campello*
Kamila Alarcón Muñoz**
Cynthia Farina***

Resumo:

Este texto baseia-se nas experiências de duas salas de aula, uma brasileira e outra colombiana, unidas através de um intercâmbio de cartas escritas à mão. Num primeiro momento, iniciando o diálogo e situando o leitor, iremos tratar sobre o referido projeto, que começa como extensão no ano de 2014 e avança para uma pesquisa nos anos seguintes, o professor brasileiro explica sua origem. Em um segundo momento, temos as reflexões deste mesmo docente e da professora colombiana, que contribuiu para tornar este texto um instrumento de composição escrita, a partir de experiências de formação: relato dos professores sobre a experiência/encontro da troca de escritos epistolares, e, como esta prática de escrita permeou processos, o dos estudantes de cada docente, e o dos próprios docentes. A escrita surge como processo de formação de si, tratado a partir de aprendizagens realizadas no envio e recebimento das cartas. O método de pesquisa apresentado é o cartográfico, que surge, a partir da filosofia de Deleuze e Guattari. Jorge Larrosa, Foucault, entre outros, surgem para dar suporte a outras questões apresentadas.

Palavras-chave:

Formação. Cartas epistolares. Acontecimento.

Resumen:

Este texto se basa en las experiencias de dos aulas, una brasileña y otra colombiana, unidas a través de un intercambio de cartas escritas a mano. En un primer momento, iniciando el diálogo y situando al lector, vamos a tratar sobre el referido proyecto, que comienza como extensión en el año 2014 y avanza hacia una investigación en los años siguientes, el profesor brasileño explica su origen. En un segundo momento, y en el caso de las escrituras colombianas, que contribuyó a hacer de este texto un instrumento de composición escrita, a partir de experiencias de formación: relato de los profesores sobre la experiencia/encuentro del intercambio de escritos epistolares, y, como esta práctica de escritura permeó procesos, el de los estudiantes de cada docente, y el de los propios docentes. La escritura surge como proceso de formación de sí, tratado a partir de aprendizajes realizados en el envío y recepción de las cartas. El método de investigación presentado es el cartográfico, que surge, a partir de la filosofía de Deleuze y Guattari. Jorge Larrosa, Foucault, entre otros, surgen para dar soporte a otras cuestiones presentadas.

Palabras clave:

Formación. Cartas epistolares. Acontecimiento.

* > Mestre em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL-Pelotas). E-mail: ronaldo.campello@hotmail.com

** > Graduada em Licenciatura em Educação Básica pela Universidad de Antioquia. Graduanda em Estudos Literários na Universidade Pontifícia Bolivariana. E-mail: kamila.alarcon.m@gmail.com

*** > Doutora em Educação pela Universidad de Barcelona. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia (Experimenta). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL-Pelotas). E-mail: cynthiafarina@pelotas.ifsul.edu.br

Introdução

Este texto é um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL – ao longo dos anos de 2015/16. Tal pesquisa segue sendo trabalhada desde o segundo semestre de 2018 no Programa de Pós-Graduação – Mestrado – em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Na composição deste texto partilhamos as experiências sobre um projeto de escrita e leitura de dois professores, um brasileiro que leciona em um 5.º ano do ensino fundamental de uma Escola Técnica Estadual situada no bairro Fragata em Pelotas-RS, e de uma professora de Medellín – Colômbia –, em formação, que fez seu estágio de docência em uma escola privada desta cidade, relacionadas ao último ciclo de práticas pedagógicas propostas pela licenciatura em Educação Básica com ênfase em língua castelhana, da Universidad San Buenaventura.

Num primeiro momento, iniciando o diálogo e situando o leitor, iremos tratar sobre o referido projeto, que começa como extensão no ano de 2014 e avança para uma pesquisa nos anos seguintes, o professor brasileiro explica sua origem.

Em um segundo momento, temos as reflexões deste mesmo docente e da professora colombiana, que contribuiu para tornar este texto um instrumento de composição escrita, a partir de experiências de formação: relato dos professores sobre a experiência/encontro da troca de escritos epistolares, e, como esta prática de escrita permeou processos, o dos estudantes de cada docente, e o dos próprios docentes.

Em meio às escritas de ambos os autores neste texto, contribuições acerca dos conceitos de *formação*, *experiência*, *leitura* e *escrita*, etc., bem como sobre o método empregado encharcam as páginas, tratando de referenciar e dar suporte teórico a proposta de trabalho aqui apresentado, deste modo, este texto pretende trazer à discussão um diálogo que perpassa a escrita de si no contexto de um processo de formação, compreendendo-a como uma prática capaz de reinvenção de modos de pensar e ser, a qual nos faz refletir sobre os encontros que nos atravessam e que de algum modo produzem, ou não percepções. Ao outro se escreve com o desejo de se dizer, encontrar-se através do que esta prenhe no papel, a palavra. A partir da escrita, escreve-se para si, "trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si" (FOUCAULT, 1992, p. 131).

Ao escrevermos lemos e ao lermos nos constituirmos aos poucos, dessa forma, observarmos o que se passa; o que nos passa; "los gestos donde asumimos y soportamos lo que nos pasa – el acontecimiento – y es en ellos donde acontece una experiencia no meramente prescritiva o normativa de la formación" (BÁRCENA, 2012, p. 67). Escrevemos-lemos-escrevemos num exercício, como forma de atividade. E quando o fazemos, estamos em outro território, um território fértil transformador, a partir de acontecimentos, de encontros que nos exigem formas de expressão. O encontro em Deleuze dispara uma força criativa.

Logo a escrita surge, aqui, como instrumento de formação, "não é aprender algo, a questão não é que, a principio, não sabíamos algo e, no final, já o sabíamos", (LARROSA, 2015, p. 52), mas sim, a construção de algo que incorpora um aprendizado. É o novo que se apresenta e é posto nas linhas abissais do papel, buscando pensar a escrita como um meio/forma de expressão libertadora que nos possibilita romper linhas impostas. "A escrita transforma a coisa vista ou ouvida" (FOUCAULT, 1992, p. 134), dá sentidos ao que queremos nominar, e, a este nominar, temos a oportunidade de produzir um exercício de autoexperimentação.

Ajudando-nos a pensar sobre tais questões, buscamos na filosofia de Deleuze, Guattari, Foucault, Larrosa, entre outros, auxílio para compor esta escrita. Seguindo caminhos cartográficos de pesquisa, Rolnik, nos orienta que o cartógrafo "[…] leva no bolso: um *critério*, um *princípio*, uma *regra* e um breve roteiro de preocupações – que cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si, constantemente" (ROLNIK, 1989, p. 69). Assim, como *critério* de ação buscou-se criar rachaduras no domo, criar fendas que possibilitaram gerar experiências as quais buscamos compartilhar; como *principio* pensamos que tudo pode ser questionado, e que há sempre a possibilidade de se experienciar de inúmeros modos o que nos instiga/afeta; e como *regra*, a de que sempre há algo novo a se olhar na paisagem que se mostra, mesmo que seja uma paisagem que observamos cotidianamente, e que este olhar, implica uma entrega nova, que não pode ocorrer pela metade, construindo, desta forma, um roteiro de preocupações. Isto posto, *utilizamos* a cartografia como método de pesquisa, pois, ela visa acompanhar um processo de investigação, sem a necessidade de supor de antemão as hipóteses de trabalho, conforme nos dizem Deleuze e Guattari (1995). A cartografia cria oscilações próprias, descaminhos que surgem conforme as pistas dos trajetos vão se desvelando. Não há regras rígidas que precisam ser seguidas, mas alguns critérios que produzem indícios, para deste modo, tecer conceitualmente uma discussão unindo a experiência "comum de problematizar a relação entre pesquisar e habitar um território existencial" (PASSOS et al. 2015, p. 132). Neste sentido, a escrita epistolar, "a carta pode constituir-se em material privilegiado, talvez menos como comprovação, talvez mais como indício, como pista que instiga outras descobertas, a outros entrecruzamentos, a outras decifrações" (CAMARGO, 2011, p. 30). Por tal motivo, este texto busca criar-se, mover-se, a partir do encontro da escrita de docentes e discentes de lugares distintos, mas que compartilham na experiência epistolar um processo de experimentação único, um encontro, acontecimento, uma formação na qual suas práticas irão trazer sentido, à docência, ao mesmo tempo que retiram o chão sob seus pés...

Optamos por deixar aparecer no texto uma e outra escrita – a do professor brasileiro e a da professora colombiana: seus timbres e hálitos, assim como suas reflexões. Não buscamos homogeneizar nossos discursos, mas possibilitar que eles se encontrem em suas diferenças e nos possibilite pensar nossas práticas.

Apresentando o projeto

O referido projeto debruça-se sobre uma prática de escrita muito antiga, que nos dias atuais é percebida com saudosismo, pouco experimentada nesta geração das janelas, das imagens rápidas e cliques alucinados. Uma prática, uma escrita que sai do recôndito particular e privado. Uma escrita silenciosa onde cada um imprime seus gestos, suas marcas, e pode chegar a uma escrita de si que deixa prenhe o papel, o envelope, o ambiente, com sua caligrafia, com o ar de seus pulmões, com os pensamentos que lhe cercam que se esquivam pelos traços já demarcados da folha que definem espaços, por entre verbos, conjunções e linhas, fronteiras que se rompem e que são atravessadas.

A partir de observações realizadas com um grupo de estudantes do quinto ano do ensino fundamental de uma escola técnica estadual no sul do Brasil, e após um *acontecimento* em sala de aula, a criação manuscrita de textos epistolares surgiu como uma prática potente de ensino, com a intenção de amenizar as dificuldades de aprendizagem deste grupo de estudantes. Ao passo que as atividades se desenvolviam como projeto de extensão, e após, de pesquisa, percebeu-se a necessidade de pensar as condições funcionais de tal prática, isto é, além de simplesmente pensar tal atividade

como redentora de dificuldades de aprendizagem, os participantes passaram a pensá-la como processo de formação mais amplo.

O projeto de extensão tem sua origem em uma situação que ocorreu em sala de aula no ano de 2013, na escola técnica estadual do sul do Brasil na qual sou professor do quinto ano. Uma aluna que era oriunda do estado do Amazonas-AM retornaria a morar nesta localidade, e estava muito triste com esse fato, pois iria perder o contato com suas novas amizades feitas na escola onde estava estudando. Neste momento, lembro-me de uma prática da qual me utilizei durante um período de tempo enquanto músico, em fins da década de noventa, a escrita de cartas. Sugeri-lhe, portanto, que escrevesse cartas para suas colegas. Esse acontecimento possibilitou pensar uma nova prática de ensino em sala de aula. Os desdobramentos seguintes levaram-me a um Seminário de Orientação à Pesquisa do curso de pós-graduação *lato sensu* em Educação, no ano de 2013, o qual cursava, e posterior ao projeto de extensão, junto à minha orientadora, no qual passamos a trabalhar no ano de 2014, desenvolvendo atividades com a turma de quinto ano da escola do bairro Fragata. No ano de 2015 as atividades de escrita/leitura ocorreram com duas turmas distintas de correspondentes: estudantes de uma escola rural no município brasileiro de Piratini-RS, e alunas colombianas de um colégio na cidade de Medellín. Este texto se ocupa de refletir sobre o que aconteceu nas trocas epistolares com a segunda escola, no âmbito do curso de Mestrado em Educação que passei a cursar. A atividade de extensão tornou-se, desde então, atividade de pesquisa.

No contexto de sala de aula, com meus estudantes, antes de terem os primeiros contatos com a escrita epistolar, foi preciso explicar-lhes o gênero "cartas", que está contemplado nos conteúdos programáticos desta etapa de ensino, assim como as formas como esse gênero se apresenta em nosso dia a dia, ou seja, os diferentes modos como as correspondências aparecem em nosso cotidiano. Faturas que chegam envelopadas, bilhetes, as próprias cartas pessoais, etc. Assim, antes no início do trabalho, foi feita uma contextualização sobre os elementos que compõem uma carta, envelopes, selos, etc., sobre o surgimento desse gênero e suas funções, além de algumas curiosidades a respeito deste tipo de texto. Para tal, fizemos a interpretação de cartas e bilhetes retirados de trechos de revistas, e produzimos algumas cartas como exercício de escrita, escrevendo para nós mesmos, para os familiares...

Essas atividades preliminares marcaram o início do trabalho, mas as atividades de escrita epistolar efetivamente começaram com a participação de uma professora e seus alunos também do quinto ano de uma escola particular de Curitiba, no estado do Paraná, Brasil. Nestas cartas, ambos os grupos de estudantes apresentaram-se uns aos outros, inicialmente com pouca interação, mas ainda que timidamente, foram conhecendo-se em suas poucas linhas. Nesse contexto, é que surgiu a figura do professor, que passou a direcionar os diálogos a temas que pudessem ser tratados em sala de aula e socializados pelos grupos. Logo em seguida algumas outras cartas também partiram à cidade de Medellín-CO, pois em virtude de um intercâmbio que ocorre entre os cursos de pós-graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL –, da Universidad de Antioquia, e da Universidad San Buenaventura recebemos visitas de docentes e estudantes de pós-graduação que despertaram curiosidade pelo projeto que aqui desenvolvo (professor brasileiro) e passamos a trocar cartas com estudantes de três escolas daquele país, cujos docentes lecionam, sendo que uma destas docentes, neste texto divide sua experiência de como foi experimentar esta prática de escrita com suas alunas.

As cartas eram escritas em suas línguas maternas e não foi utilizada a forma tradicional de envio/recebimento, ou seja, postagens a partir dos correios. Outros "carteiros" surgiram: alunos e professores das instituições envolvidas em atividades de intercâmbio

que levavam e traziam os pacotes com as cartas. Não somente cartas foram trocadas, muitos doces, balas, pirulitos, livros e artesanatos típicos regionais foram enviados de um a outro correspondente.

Estas trocas tornavam as escritas prazerosas. Sempre que recebíamos algum envelope sabíamos que algo mais estava ali. Existia muita expectativa no recebimento das mesmas. Foram trocas que proporcionaram a ambos os grupos envolvidos experiências excitantes. Aos estudantes, e a mim como docente, pode-se dizer que foram experiências inovadoras, encontros fecundos no contato com nativos de outra língua/cultura que possibilitou um novo olhar sobre o que se aprendia nos livros, por exemplo. Tal experiência para muitos de meus estudantes foi encantadora. A mim como docente, ter a oportunidade de despertar a curiosidade de outros pares através de uma prática de ensino, que entre outras coisas, proporcionou uma série de atividades que se desencadearam de forma rizomática[1], onde a cada momento uma proposta sugeria uma nova troca de correspondência.

A seu modo, cada um dos docentes envolvidos no processo de escrita das cartas que este texto propõe discutir experienciou um novo/velho tempo. Um tempo de espera, um tempo de escuta, um tempo de si com o outro. Houve várias experiências. Ou seria um *continuum* de experiências desdobrando-se no tempo?

Cada um de nós provou do hálito prenhe no papel que as cartas traziam das cidades de onde eram enviadas, das próprias pessoas que as enviavam, das viagens feitas. Possibilitou-se um olhar novo sobre algo que se conhecia, a própria docência, os próprios alunos. Na escrita do outro havia suas paisagens, seus parques, praças, ruas, seus prédios, seus aromas intensos de café e gostos através das balas, dos desenhos/fotos que eram enviados nos pacotes. Esse era um espaço de formação e entrega ao outro e a si próprio, transitando por um caminho delicado, intenso, incólume.

A escrita epistolar, possibilitando encontros...

Pensar a escrita encarna outros tons e reverbera outras notas quando percebida como processo de formação que nos auxilia/possibilita inventar modos de existir, fictícios ou não. No ato de escrita que decorre de um encontro, deriva sentir as forças, que nos arrastam, nos repelem, cegam ou retiram véus, emudecem ou nos pedem expressão. Neste processo há a efetiva formação que ocorre enquanto tais caminhos são percorridos, "para aprender de verdad algo hay que hacerse presente en el aprender: en su marcha y en su dificultad. Hay que exponerse. Viajar a pie, no desde las alturas" (BÁRCENA, 2012, p. 49). Neste contexto, e ainda contribuindo Bárcena (2012, p. 66) nos diz que: "podemos pensar la educación desde diferentes perspectivas y lenguajes", pois, ao tratar da escrita como processo de formação em educação nos constituímos e somos interpelados pelas forças que habitam os acontecimentos.

Há silêncio na escrita quando as palavras se calam, é preciso saber ouvir este silêncio, "un cierto silencio. Pero um silencio que tiene que ver más bien com el acallamemiento de un lenguaje inservible o, mejor, con la renuncia a un lenguaje envilecido" (LARROSA, 2003, p. 338). Imbricado no processo de formação este silêncio ocorre quando estamos encanecidos, imersos no vazio de nossos casulos, como crisálidas, e não (re)vemos nossas práticas, (re)pensamos nossos encontros, os quais nos atravessam diariamente, acontecimentos que passeiam entre as sombras, que deixamos escapar, como matéria de formação. "El acontecimento es lo que llega, lo que viene por sorpresa y no se puede anticipar, ni planificar; es lo que irrumpe y rasga la continuidad de una determinada experiencia del tiempo" (BÁRCENA, 2012, p. 69). Um acontecimento pode nos colocar em contato conosco

1 > "O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes [...]" (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

na medida em que cancela a linguagem "envelhecida", habituada, com a qual nos referimos a nós mesmos. A escrita pode ser uma forma de oferecer trânsito a um acontecimento.

Escrever encarna outra prática: ler. Ler as palavras, o mundo, os signos e a nós mesmos, "lê-se para se tornar alguma coisa, um perigo" (TERRA, 2012, p. 7).

A escrita cria linhas, pegadas de mundos visitados que deixamos para marcar nosso retorno à razão ou ao delírio. A escrita encarna outros personagens/criaturas, que nos povoam, e dão formas ao pensamento, nos levam além de onde fomos. A escrita abre sulcos e cria rugas em nossa pele. Cria platôs por onde nos movemos, jardins movediços que se movimentam centímetro a centímetro, toda vez que plantamos uma palavra, "o ato de escrever não tem outra motivação que não a de dar vida, de liberar a vida onde está aprisionada" (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 176). Não há escrita que esteja completamente concluída, sempre existirão reticências [...], verbos que poderão complementá-la, alterá-la, enriquecê-la, é um estar por fazer..., escrever autoriza a instruir-se com o próprio pensamento. "Escreve-se para se tornar alguma coisa, outro perigo" (TERRA, 2012, p. 7).

A construção do pensamento pela palavra expressa gesto e movimento. Quando a distância se torna a força que impele o desejo de proximidade, a força da grafia empresta sentido à palavra, ao mundo, e a carta aproxima o que não está junto, "a missiva, texto por definição destinado a outrem, dá também lugar a exercício pessoal. [...] A carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe" (FOUCAULT, 1992, p. 135). O escritor/correspondente compartilha sua experiência ao leitor/correspondente, e vice-versa, e o faz transcorrer caminhos/paisagens e o provoca para outros olhares em um cenário que se mostra. "Escrever é, pois 'mostrar-se', dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro" (FOUCAULT, 1992, p. 136). Escrever/ler é desejo, é experimentar os encontros que ela, a escrita/leitura, tem para oferecer.

A escrita epistolar, antes um importante meio de comunicação e interlocução, perde sua força em pouco mais de três décadas, em virtude da grande expansão/evolução das tecnologias de informação/comunicação que hoje oxigena seus pulmões na Web. Essas tecnologias constituem-se, assim, na invenção e incremento de inúmeros modos de emissão e exibição de informações, que ganham força nas vantagens práticas do envio de textos, através dos correios eletrônicos, possibilitando com que este, seja sinônimo de benefícios quando utilizado, tanto por pessoas físicas quanto por empresas público-privadas.

O clique, uma, duas, três vezes. Uma, duas, três ou mais horas sob a luz intensa do monitor. Frenética ou calmamente, é algo quase que instantâneo e temos à nossa frente o simples comando "enviar", "minimizar", "fechar". "salvar", "não salvar", "cancelar". Janela a janela, mundos se fecham, portas se abrem. Possibilidades surgem. Textos se vão, se esvaem, navegam na rede, no emaranhado de outros tantos. Surfam na onda, que se avoluma a cada instante. Tsunami de informações. "Esta é a era da informação. A época das opiniões sobre tudo, mesmo que sejam vazias. Esta é a época em que todos opinam sobre tudo" (LARROSA, 2002). Futebol, política, religião, sexo, violência, e... e... e...

Existe um oceano de possibilidades entre esta "conjunção que possibilita se propagar entre, por dentro, recostando-se nas laterais, rasgando-se por meio dos verbos e atravessando-os ao meio. Formando rizomas" (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Dependendo do veículo que é utilizado, as respostas são imediatas. Facilidades, benefícios, vantagens, ou não, disseminando-se rizomaticamente. "El sujeto moderno es un sujeto informado que además opina. Es alguien que tiene uma opinón presuntamente personal y presuntamente propia y a veces presuntamente crítica sobre todo lo que pasa" (LARROSA, 2003, p. 169). Assim, a seu modo, cada um dos docentes envolvidos no processo de escrita das cartas que este texto propõe discutir, experienciou algo novo.

Do hálito prenhe no papel que as cartas traziam, por exemplo, das cidades de onde eram enviadas as missivas, das próprias pessoas que as enviavam, possibilitou-se um olhar

novo sobre algo que se conhecia, é um conhecer-se proposto a partir da experiência da escrita de si, da entrega, da troca. A experiência de poder apreender na escrita do outro suas paisagens, flanar por entre seus parques, praças, ruas, caminhar por entre seus prédios, sentir seus aromas intensos de café, e gostos através das balas, dos desenhos/fotos, que eram enviados nos pacotes. Este era um espaço de invenção/criação, de formação e entrega ao outro e a si próprio.

A distância de um contexto unido pela escritura, reflexões a partir do olhar de uma professora colombiana

Esta experiência se deu no marco da prática profissional, pertencente ao último ciclo de práticas pedagógicas propostas pela licenciatura em Educação Básica com ênfase em língua castelhana da Universidad San Buenaventura da cidade de Medellín-CO. Tais práticas se desenvolveram a partir de diferentes eixos temáticos, entre os quais se encontra o que relaciona arte e literatura.

Minha prática pedagógica ocorreu durante o ano de 2015, em uma escola privada da cidade de Medellín. Esta escola possui princípios e filosofias relacionados aos fundamentos católicos que estão sumamente presentes no ambiente escolar e dentro da comunidade acadêmica (professores, equipes diretivas, estudantes e, inclusive, as aulas e a estrutura curricular). O colégio atende uma população de meninas e meninos, mas o ensino não é misto, ou seja, os meninos estudam das 6h às 12h30, enquanto que as meninas estudam das 12h45 às 18h15. A turma em que realizei a prática foi a 6ª13 feminino.

A 6ª13 e suas trinta estudantes foram quem me abriram a porta para que eu me transformasse em sua professora, para este processo de ensino-aprendizagem mútuo que começou a tecer-se a partir de nosso primeiro encontro dentro da aula de língua castelhana. A disciplina possui um papel muito importante dentro da sala de aula, as estudantes aprenderam a permanecer em silêncio e a levantar-se para receber os professores, quando estes adentram a aula, assim como a prestar atenção quando alguém (seja colega, professor ou outra pessoa qualquer) esteja à frente. Existe uma norma implícita, onde se estabelece que as alunas devam estar corretamente sentadas, olhando para frente e sem estabelecer muito contato físico entre elas.

Na área da língua castelhana as estudantes são propositivas, adoram os novos desafios junto à leitura (entre elas mesmas há um sistema de empréstimo de livros na sala de aula, que motivado pela professora titular de língua castelhana cresceu para toda a escola) e outros métodos de significação: a fotografia e a divulgação de suas criações se converteram em assuntos que as moveram em meio aos processos de leitura e escrita.

Dentro da experiência da prática pedagógica, ocorreu a possibilidade de desenvolver uma correspondência epistolar, onde as meninas da 6ª13 estabeleciam uma conversa com os estudantes do 5.º ano de uma escola, em uma cidade do sul do Brasil. Nestas cartas os estudantes falavam sobre suas experiências, sobre a sua vida íntima, seu entorno: a família, a escola, seus interesses e as coisas que viviam, e que os afetavam e moviam.

> Lo necesario es hacer de la escuela un ámbito donde lectura y escritura sean prácticas vivas y vitales, donde leer y escribir sean instrumentos poderosos que permitan repensar el mundo y reorganizar el propio pensamiento, donde interpretar y producir textos sean derechos que es legítimo ejercer y responsabilidades que es necesario asumir (LERNER, 2001, p. 26).

Dentro das aulas de língua castelhana, a chegada das cartas da cidade do sul do Brasil foi como um acontecimento. Nós as aguardávamos cheias de ânsias para saber quem

eram os amigos que ali estavam, a milhares de quilômetros, e que se interessavam por saber quem eram as estudantes, quais as suas vivências e as suas experiências. "Identificarse con otros autores y personajes o diferenciarse de ellos, correr otras aventuras, enterarse de otras historias, descubrir otras formas de utilizar el lenguaje para crear nuevos sentidos" (LERNER, 2001, p. 26).

As cartas chegaram a nós escritas em português – e este era um dos maiores medos das estudantes. Surgiam perguntas: Como as leremos? Compreenderemos o que nos querem dizer? Será muito diferente a cultura deles da nossa? E se criaram incertezas que começaram a inundar a aula em momentos prévios à chegada das cartas. No entanto, somente com o simples gesto de entregar as cartas de forma física, em um pacote vindo de tão longe, e ainda que também as estudantes não pudessem dar conta completamente do conteúdo das mensagens, dado o idioma e, em alguns casos, a letra de quem as escreveu, foi possível notar nas meninas uma afeição imediata ao ter em suas mãos um papel escrito por um menino ou menina distante muitos quilômetros. Foi evidente que lhes comoveu profundamente conhecê-los por cartas, onde havia muitas marcas deles. "Hay que dejarse afectar, perturbar, trastornar por un texto del que uno todavía no puede dar cuenta, pero que ya lo conmueve. Hay que ser capaz de habitar largamente en él, antes de poder hablar de él; como hacemos con todo" (ZULETA, 1982, p. 12).

A entrega das cartas se transformou em um grande acontecimento dentro da aula e, para isso, acabei por criar toda uma ambientação com o tema: cultura brasileira. A sala de aula foi invadida por música e bandeiras do país e degustamos alguns doces que nos foram enviados junto com as cartas. Ao mesmo tempo, era preciso auxiliar as crianças na compreensão das correspondências, posto que cada uma delas possuía uma lista de palavras, frases e orações comuns traduzidas do espanhol para o português.

> Los lectores se multiplicaron, los textos escritos se diversificaron, aparecieron nuevos modos de leer y nuevos modos de escribir. Los verbos "leer" y "escribir" habían dejado de tener una definición inmutable: no designaban actividades homogéneas. Leer y escribir son construcciones sociales. Cada época y cada circunstancia histórica dan nuevos sentidos a esos verbos (FERREIRO, 2001, p. 13).

Durante várias aulas, o trabalho foi dedicado a ler as cartas, a mergulhar mais na cultura brasileira e, seguramente, a respondê-las para que os alunos da referida escola soubessem o que fizemos e o quão agradecidas ficamos, como grupo, por terem nos proporcionado conhecer as suas experiências. Nas cartas que as meninas enviaram, elas falaram da cidade, da escola, de suas famílias, seus gostos, seus sentimentos e incluíram, também, fotografias, doces e mensagens para os alunos brasileiros, que, apesar de não se conhecerem pessoalmente, se tornaram participantes constantes na nossa sala de aula. As meninas os conheciam pelos nomes, perguntavam por eles e contavam tudo o que eles escreviam nas cartas.

Esta experiência transcendeu para muito além da sala de aula, criando vínculos das meninas com outro contexto, com outros mundos que elas conheciam pela descrição que outra pessoa (seu remetente) lhes apresentava, através de seus olhos, de seu dia a dia e da experiência vivida. Contudo, esta travessia não aconteceu apenas para as estudantes, mas também para a professora em formação.

Assim, a viagem se converteu em um conceito importante dentro da experiência vivida e, desta maneira, houve uma travessia que sobre-passou a viagem das cartas. Neste sentido, a formação esteve ligada, sem dúvida, à leitura como experiência, à leitura como viagem e tratou de aproximar-se à experiência de forma despojada; assim, poderia dizer que esta prática, a leitura, tende a ser o resultado da relação com uma palavra de certo tipo, uma palavra impregnada de sentimentos, sensações, vontades, assim, uma palavra

a qual possui a capacidade de transformar a sensibilidade com que o leitor percebe a vida, o entorno, o contexto. Aqui a infância participa com um papel muito importante, bem como em toda a obra de Peter Handke[2], posto que o autor remete, recorrentemente, ao espírito da criança, no sentido da capacidade do jogo e da invenção. A partir desta viagem, consegui me construir e reconstruir no que foi meu processo de formação, de travessia, como professora. Nesse contexto, retomei dois autores que foram peças chave dentro desta provocação a novas rotas, a novos caminhos para continuar a construção da minha investigação. O primeiro deles é Peter Handke (1992), que desenvolve em seus escritos dois conceitos cruciais: a formação e a viagem. O primeiro conceito, a formação, está ligado, sem dúvida, à leitura como experiência, como aproximação de forma desprovida à experiência.

O segundo conceito que toma vigência no caminho de minha viagem é o que está relacionado com a viagem como processo de formação, no qual Handke oferta uma compreensão romântica dos assuntos que se relacionam com a experiência estética e como essa experiência se desenvolve em cada pessoa. Na *novela de formación,* que é uma das principais características articuladoras na literatura deste escritor, é narrada uma viagem que não só é algo externo, mas sim que há uma conexão entre a viagem exterior e a viagem interior que, ao mesmo tempo, dá sustentação a uma formação de consciência e sensibilidade, Larrosa (2015), conseguindo, assim, que a experiência formativa se construa desde o sensível e seja orientada desde aspectos estéticos.

Nesta viagem os personagens não se apresentam em uma espécie de evolução ou iluminação conceitual, que se fortalece no caminho da travessia. Diferentemente, apresentam-se como uma espécie de caracteres sensíveis que buscam uma nova forma de ler o mundo, muito mais poética e inocente, em que se remete à constante evocação de Handke pelo assunto da infância e à potencialidade deste estado – chegando, assim, a uma espécie de umbral desprecavido de marcas culturais e imposições que permitirão chegar a uma leitura do mundo através dessa travessia. *O herói das mil caras*[3] é um texto de Joseph Campbell (1972), no qual desenvolve sua interpretação sobre a maneira em que o herói realiza sua viagem, a partir de uma espécie de "padrão" narrativo, com que se pode caracterizar a viagem do herói em um ciclo dividido por fases, em que o personagem principal sofre uma transformação à medida em que avança sua travessia, partindo do mundo ordinário para chegar a um mundo especial ou sobrenatural – que dará lugar aos eventos que transformarão a vida do herói.

Foi assim que os caminhos foram convergindo e culminando em acontecimento, me levando a realizar a pesquisa com a viagem como conceito central, compreendido desde a experiência vivida com a troca das cartas com estudantes do Brasil, mas também desde uma reflexão pessoal da prática pedagógica como uma travessia e uma construção do teórico como enunciei antes.

As cartas não só foram uma excelente motivação para as meninas buscarem outros modos de comunicação alternativa ao chat ou o e-mail e para que compreendessem as vidas de outras pessoas a partir da própria narração do autor, mas também abriram a possibilidade de ver a aula de língua castelhana além do plano leitor. Compreenderam que escrever não é somente um requisito escolar, mas que também é uma forma de mostrar ao outro seus sentimentos, suas experiências, o que as constituem dentro de seus cotidianos através das letras, do papel, da cor que utilizam para deixar sua mensagem, das fotografias que enviaram, de toda questão que está relacionada com a semiótica que estas cartas possuem para as estudantes e, sobretudo, que estas correspondências são partes destas mesmas meninas, de suas narrações autobiográficas, desde seus contextos e possibilidades.

Certamente, esta experiência abriu uma porta para pensar as aulas de língua castelhana para além da imposição curricular (sem deixá-la totalmente de lado), abrindo a possibilidade de estabelecer conexões rizomáticas com outros contextos, que abram

2 > Poeta, dramaturgo, novelista e diretor de cinema austríaco, nascido em Griffen.

3 > Disponível em: https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/joseph-campbell-o-heroi-de-mil-faces-rev.pdf. Acesso em: 27 dez. 2018.

janelas a outros processos de pensamento, a outras formas de relacionar-se com a leitura, a escritura, e os outros meios de significação dentro da aula, buscando outras dinâmicas em prol de um desenvolvimento sociocultural da leitura, da escritura e da literatura, habilidades consideradas básicas dentro dos *Estándares Básicos de Competências*[4] e *Lineamientos Curriculares*[5] da língua castelhana na Colômbia. No entanto, poderiam ser considerados outros olhares, outros caminhos, outras travessias para enfrentar com os estudantes a viagem que supõe um processo de formação que transcenda o livro didático para chegar ao humano, àquele que está mediado pela própria experiência e que, certamente, chegue a ser uma aprendizagem significativa ultrapassando a escola, tornando-se parte da sua vida.

Esta experiência nos levou a uma viagem por vivências e contextos diferentes dos nossos. Tanto as estudantes da turma 6ª13, como eu – sua professora em formação – conseguimos estabelecer um vínculo com os estudantes que compartilharam a viagem a partir de si, do que queriam compartilhar conosco, de contar sobre suas famílias, sua escola e seus gostos... Conhecemos um lugar através de outros olhos.

Esta viagem me permitiu, como professora, compreender e refletir não só sobre o tema da importância dos projetos que ultrapassem fronteiras e que estimulem os estudantes com algo que vá além da nota ou da qualificação, mas sim, sobre as diferentes dificuldades que, como professora em formação, representa observar o currículo acadêmico com outros olhos, desde outros olhares e perspectivas que, talvez, estejam distantes do que é a escola atual.

Reflexões finais

Em resumo, explorar este texto, a quatro mãos, conectados pela "viagem", o fluir e de maneira cartográfica, estabelece conexões na construção do fazer docente, à medida que vivenciamos juntamente às experiências. Pesquisar, indagar, investigar, avançar a partir de pretextos como as cartas, os encontros, as diferenças de culturas e de linguagens, a partir das conexões epistolares entre dois grupos de estudantes nos permitiu continuar avançando em nossa formação como professores.

Tratamos do mesmo tema sob duas perspectivas construídas a partir de narrativas que ressoam, repercutem, mas não se sintetizam, pois são duas em conversação. Dois docentes em formação – um brasileiro que reconsidera suas práticas professorais a partir de sua pesquisa de Mestrado e uma colombiana estudante de Licenciatura em Educação Básica com ênfase em Humanidades e Língua Castelhana, que aceita participar da troca de cartas entre estudantes – acreditam que o processo de formação pode ocorrer através da escrita ligada à leitura. A escrita encarna uma aprendizagem, pois quando escrevo, leio; quando leio busco compreender do que são feitas as palavras que me cercam, "no caso da narrativa epistolar de si próprio, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro" (FOUCAULT, 1992, p. 160).

Neste sentido, quando tais alunos e docentes se envolveram na troca de impressões, imagens e comentários, seus mundos passaram a ser vistos através de lentes, cartas que desvelaram paisagens e caminhos, sentidos que possibilitaram ensaios que foram experienciados à "sua maneira de ser e de interpretar o mundo" (LARROSA, 2015, p. 53).

4 > Correspondente aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), no Brasil.

5 > Idem à nota 7.

Referências:

BÁRCENA, Fernando. *El Aprendiz Eterno*: filosofía, educación y el arte de vivir. Madrid: Miño y Dávila, 2012.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. *Cartas e escrita*: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

CAMPBELL, Joseph. *El héroe de las mil caras*: psicoanálisis del mito. México: Fondo de Cultura Económica, 1972.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FERREIRO, Emilia. *Pasado y presente de los verbos leer y escribir.* Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Editora Vega, 1992. p. 129-160.

HANDKE, Peter. *Die stunde da wir nichts voneinander wußten*: ein schauspiel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992.

LARROSA, Jorge. *Entre las lenguas*: lenguaje y educación después de Babel. Barcelona: Editorial Laertes, 2003.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*: danças, piruetas e mascaradas. 5. ed. 2. reimp. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf. Acesso em: 15 maio 2015.

LERNER, Delia. *Leer y escribir en la escuela*: lo real, lo posible y lo necesario. 1. ed. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2001.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia*: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Liberdade, 1989.

TERRA, Marina Furtado. *Espaço e educação*: cartografia de singularidades em um bairro de Juiz de Fora-MG. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1KRk06pSfckJ:www.ufjf.br/ppge/files/2012/05/Disserta%25C3%25A7%-25C3%25A3oMarinaFurtadoTerra.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 2 jun. 2015.

ZULETA, Estanislao. *Sobre la lectura*. Medellín: *[s. n.]*, 1982.